

# TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens  
Universidade do Estado da Bahia – UNEB  
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 04 – junho de 2012  
ISSN: 2176-5782

## ***A cor púrpura e Preciosa: histórias de rendição, rejeição e redenção***

### ***The color purple and Push: stories of rendition, rejection and redemption***

Sueli Meira Liebig <sup>1</sup>

RESUMO: Este estudo busca condensar o tratamento dado à mulher negra nos romances *The Color Purple (A cor Púrpura)* (1982) e *Push (Preciosa)* (1996), escritos pelas autoras afro-americanas Alice Walker e Sapphire, tomando como foco a questão da superação das protagonistas em meio ao rolo compressor representado por um desumano sistema patriarcal. Em linhas gerais, o enfoque comparatista entre ambos advém, fortemente, de enredos paralelos, cujas circunstâncias de vida das personagens principais contêm muitos pontos de intersecção, notadamente no tocante à questão da sexualidade feminina, da homoafetividade, da sua propensão a vítimas sacrificais de uma sociedade misógina e virulenta, mas que fazem a diferença por transformarem a sua rendição inicial em rejeição ao *status quo* e ressurgirem das próprias cinzas, tal qual a Fênix mitológica, transmutando suas dolorosas trajetórias de vida em histórias de redenção. Para tanto, suscitamos discussões relevantes para a conceituação do termo “identidade” como a entendemos na pós-modernidade, bem como nos reportamos a questões de gênero como constructo sociocultural, embasando-nos em aportes teórico-metodológicos defendidos por autores como OSTERMANN & FONTANA (2010); STUART HALL (2006); MICHEL FOUCAULT(2007); PIERRE BORRDIEU (2009) e JUDITH BUTLER (2010), dentre outros.

Palavras-chave: Mulher negra; Sexualidade; Homoafetividade; Literatura afro-americana.

ABSTRACT: This study aims at the condensation of the treatment given to the Black woman in the novels *The Color Purple* (1982) and *Push* (1996), by the African-American writers Alice Walker and Sapphire, taking as focus the characters' quest for surpassing the heavy engine represented by an inhuman patriarchal system. In a general way, the comparative focus that links the two works comes strongly from their parallel plots, whose main characters' life circumstances have too many points of intersection, arguably in what concerns to the female sexuality, homoeroticism, and their availability to be sacrificial victims of a virulent misogynist society, but that make all the difference by the fact of transforming their initial surrendering into rejection of the *status quo* by resurrecting from their own ashes, like the mythological Phoenix, changing their painful life trajectories into stories of redemption. To this purpose, we highlight relevant discussions for the conceptualization of the term “identity” as we understand it in post-modernity, as well as to the questions of genre as social and cultural constructs, taking as theoretical backgrounds studies made by authors like OSTERMANN & FONTANA (2010); STUART HALL (2006); MICHEL FOUCAULT(2007); PIERRE BORRDIEU (2009) e JUDITH BUTLER (2010), among others.

Key-words: Black woman; Sexuality; Homoeroticism; African-American literature.

---

<sup>1</sup> Programa de Pós-graduação em Literatura e Interculturalidade (PPGLI). Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). suelibig@hotmail.com

# TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens  
Universidade do Estado da Bahia – UNEB  
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 04 – junho de 2012  
ISSN: 2176-5782

## 1 Introdução

Quando falamos de questões raciais na pós-modernidade, é notável a ênfase dada à mulher negra, extrato social digno de estudos e debates que enfatizem as particularidades de gênero e sexualidade nele existentes. Nesse aspecto, Deborah Cameron, em “Desempenhando identidade de gênero: conversa entre rapazes e construção da masculinidade heterossexual” evoca a famosa frase de Simone Beauvoir: “Não se nasce mulher, torna-se mulher”, uma vez que o fato de um indivíduo tornar-se mulher (ou homem) não é algo inato e acabado, mas algo que vai sendo socialmente construído ao longo da vida. Assim, afirma Cameron que

Gênero é algo que precisa ser constantemente reafirmado e publicamente exibido pelo desempenho repetido de ações específicas ajustadas a normas culturais (elas próprias histórica e socialmente construídas e, conseqüentemente, variáveis) que definem “masculinidade” e “feminilidade”. (CAMERON, Deborah, apud OSTERMANN; FONTANA, 2010, p.132).

Como provaremos mais adiante, as protagonistas dos dois romances construirão suas identidades como mulheres a partir das suas próprias amargas experiências de vida. Pode-se dizer que nas duas obras a temática é a mesma. Ambas retratam o sofrimento do abuso sexual, o anseio de aflorar a feminilidade, a pressão psicológica e a identidade como aspectos atuantes em suas vidas, condicionados pelo triplo preconceito de raça, cor e classe social.

Verificamos, entretanto, que traçar o perfil do ser- mulher sempre nos remete, antes de tudo, ao preconceito de gênero, esse pensamento particular masculino que faz parte do passado feminino e atualmente cria discussões acerca da performance cultural da mulher e seus valores sociais, éticos e morais. A respeito desse fato, podemos afirmar que os estudos culturais configuram ideologias e um afastamento entre gênero e sexualidade, pois o conceito de gênero supera o de papel sexual, por sua demarcação mais frontal contra o determinismo biológico. Gênero seria, portanto, um aspecto social com caráter ideológico, em que a atemporalidade evidencia as perspectivas de comparação com o sexo, que são poucas. A identidade sexual configura gêneros distintos, uma transgressão de valores morais determinantes da forma de vida dos indivíduos. Os gêneros possuem papéis diversificados,

# TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens  
Universidade do Estado da Bahia – UNEB  
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 04 – junho de 2012  
ISSN: 2176-5782

mas admitem e muitas vezes suscitam a inclusão de discursos que sugerem uma argumentação essencial, com reivindicações que conduzam o ser social ao aprendizado da moralidade.

Segundo Habermas,

O ponto de vista moral já integra a constituição socio-ontológica da práxis argumentativa pública, e mais especificamente nas complexas relações de reconhecimento às quais os envolvidos precisam integrar-se quando se dá a formação discursiva de opinião e vontade a cerca de questões práticas. (HABERMAS, 2002, p. 82-3).

Os exemplos encontrados no estudo comparatista das duas obras compreendem a questão moral através dos discursos observados entre as personagens, como veremos mais adiante, proporcionando uma visão pós-colonialista das relações de gênero e sexo com significações que podem reverter-se. Judith Butler afirma que “a categoria ‘sexo’ é o instrumento ou efeito do ‘sexismo’ [...], que o gênero somente existe a serviço do heterossexismo”. (BUTLER, Judith, apud OSTERMANN; FONTANA, 2010, p.117).

Esse comentário permite-nos a percepção da identidade cultural, em que um gênero performativo, como afirma Butler, descreve as ações de forma estilizada, como veremos no decorrer deste estudo. Na realidade, uma análise dos estudos culturais nos servirá de suporte para as comparações entre as duas narrativas aqui propostas, pois não só problematiza o pensamento machista como também nos ajuda a tratar do preconceito de gênero a partir de novos conceitos.

## 2 Walker, Sapphire, e suas heroínas

A produção literária de Alice Walker é bastante vasta, mas a obra que a tornou uma escritora de renome foi *The Color Purple* (A cor púrpura), premiada com o Prêmio Pulitzer, que deu origem a um dos mais belos filmes de Steven Spielberg. A sua Celie Johnson caracteriza-se como uma pessoa marcada por sentimentos evasivos, possuidora de uma personalidade castigada por terríveis experiências desde a infância. Celie apresenta-nos uma nova identidade no final da narrativa, quando o seu perfil de mulher submissa dá espaço à

# TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens  
Universidade do Estado da Bahia – UNEB  
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 04 – junho de 2012  
ISSN: 2176-5782

mulher enérgica e decidida, que suscita nas pessoas uma nova percepção de seu ser-mulher. Em *A cor púrpura* temos a história de uma semianalfabeta, que escreve cartas para sua irmã Nettie contando a angústia em que vive. A história se passa no Sul rural dos Estados Unidos, entre 1909 e 1947, o que caracteriza uma mulher negra submissa aos caprichos masculinos, primeiro na figura do pai, depois na do seu marido e “Sinhô”, como ela o chama. Walker soube representar, com propriedade, a realidade das mulheres negras por meio desta protagonista, cujo dilema começa após se tornar adolescente. Vítima de estupro, teve dois filhos, que foram gerados pelo próprio pai, arrancados dos seus braços logo após o nascimento e vendidos como se fossem objetos. Após tais fatos, não sabemos de que maneira a esterilidade acontece na vida da heroína. Com a morte da mãe, Celie também é “vendida” em casamento para “Sinhô”, viúvo e pai de três filhos. Essa nova convivência faz dela uma pessoa triste e apática, uma espécie de burro de carga que só conhece o trabalho duro e o espancamento. Porém, com a vinda de Shug Avery (amante do “Sinhô”) para uns dias em sua casa, a dinâmica psicológica da protagonista vai mudando, sempre influenciada pela rebelde Shug, até que, finalmente, recupera a autoestima e se torna uma mulher corajosa e decidida.

O livro de Sapphire, por sua vez, é baseado numa história real. A autora inspirou-se na história de vida de uma ex-aluna, de cujo sofrimento inteirou-se como professora e confidente. Como a Miss Rain da ficção, Sapphire leu as histórias de vida escritas nas redações de cada aluna e de uma delas retirou a sua Claireece “Precious” Jones, a Preciosa. Através da personagem, a doublé de escritora e atriz nos proporciona uma versão crua da sociedade, dos preconceitos de gênero, classe e cor, delineando uma figura arquetípica da realidade de muitas mulheres negras que são vítimas dessa tripla discriminação.

Precious é uma adolescente cuja autoestima é devastada pelas sevícias sofridas desde tenra infância. A sua melancolia é evidente quando se lembra dos acontecimentos da sua infância, vitimada de estupro pelo pai e abusada moral e sexualmente pela própria mãe. O seu presente aponta para o futuro marginalizado de uma jovem que até já pensa em desistir de

# TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens  
Universidade do Estado da Bahia – UNEB  
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 04 – junho de 2012  
ISSN: 2176-5782

viver, mas que encontra na figura da professora, a Srta. Rain, a força e o estímulo para continuar sonhando com dias melhores e lutar por eles.

A protagonista retrata um tipo mulher sonhadora, que se idealiza bonita, magra e loira, preenchendo, assim, os valores estéticos requeridos pela sociedade. Aos 16 anos, obesa, analfabeta e vítima de abusos físicos e psicológicos, ela aparece na narrativa grávida, pela segunda vez, do próprio pai. Esse fato faz com que ela seja retirada da escola fundamental e instruída a se matricular numa escola “alternativa”, cujo slogan é “todo mundo ensina todo mundo”. É ali que vida dela começa a mudar e os desafios de viver vão sendo enfrentados com determinação e sabedoria.

Começamos, então, a traçar o nosso paralelo entre as duas obras a partir do silêncio, ou seja, da inicial falta de elocução de Celie e Precious,<sup>2</sup> que irá, eventualmente, tomar o rumo de um discurso reverberante de novos horizontes e novas perspectivas de vida. Coincidentemente em ambas, como já observamos, as narrativas perpassam o crivo do abuso sexual, do estupro e do incesto forçado, porém optamos por tomar como foco investigativo aspectos significativos das suas respectivas vivências sexuais, como o prazer e o homoerotismo, que se mostrarão de suma importância para o entendimento da psique de cada uma delas.

### 3 A arbitrariedade do silêncio

Imaginemos, agora, as seguintes situações em que as adolescentes Celie e Precious estão sendo seveiciadas e violentadas pelos próprios pais: “É melhor você calar a boca e acostumar”. (WALKER, 1986, p.9); “É melhor você nunca contar pra ninguém, só pra Deus.

---

<sup>2</sup> No presente artigo utilizaremos as respectivas traduções para o português denominadas *A Cor Púrpura* (Peg Bodelson, Betúlia Machado e Maria José Silveira) e *Preciosa* (Alves Calado), e todas as citações feitas aqui serão baseadas nessas traduções. Entretanto, por uma questão de coerência, optamos por manter os nomes das protagonistas fiéis aos das obras originais.

# TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens  
Universidade do Estado da Bahia – UNEB  
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 04 – junho de 2012  
ISSN: 2176-5782

Isso mataria sua mamãe” (epígrafe)”; “Anda, neginha, cala a boca! [...] Mas fico de boca fechada para que a foda não vire uma surra”. (SAPPHIRE, 2010, p.35).

Nos dois discursos fica claro que os mecanismos para a instauração da violência contra a mulher nas sociedades organizadas, segundo o princípio androcêntrico, perpassam, necessária e primeiramente, o silenciamento feminino, a principal forma de inculcar nas mulheres modos comportamentais falsamente tidos como inerentes ao sexo “frágil”. Calar em situações assim reveste-se de um artifício que irá sublimar sentimentos ou sofrimentos ainda maiores, como o medo de magoar um ente querido, no primeiro caso, ou o medo de ser espancada, no segundo. Pierre Bourdieu mostra-se surpreso com o fato de que

A ordem estabelecida, com suas relações de dominação, seus direitos e suas imunidades, seus privilégios e suas injustiças, salvo uns poucos acidentes históricos, perpetua-se apesar de tudo tão facilmente, e que condições de existência das mais intoleráveis possam permanentemente ser vistas como aceitáveis ou até mesmo naturais. (BOURDIEU, 2010, p. 7).

O antropólogo vê na dominação masculina e no modo como ela é imposta e vivenciada, o exemplo de uma submissão paradoxal, resultante daquilo que ele considera como “violência simbólica”, isto é, um tipo de violência que se mostra suave e insensível às suas próprias vítimas e que é exercida, predominantemente, por vias puramente simbólicas do conhecimento e da comunicação ou, mais exatamente, do “desconhecimento” do “reconhecimento” ou, em último caso, do “sentimento” através do qual a lógica da dominação é apreendida e exercida tanto pelo dominador como pelo dominado, numa simbiose que transmuta o arbitrário “cultural” em “natural”.

A perpetuação dessa relação de dominação, entretanto, não reside apenas na família, lugar mais visível do seu exercício, mas na própria comunidade à qual pertencem as mulheres e a instâncias formadoras de opinião, como a Escola e o Estado. Esse fato é ilustrado nas duas obras, quando as respectivas heroínas são forçadas a abandonar a escola, ainda adolescentes, por conta da gravidez, mesmo que esta seja resultante de abuso sexual: “Fui suspensa da escola por causa que tô grávida e acho que isto não está certo. Eu não fiz nada!” (SAPPHIRE, 2010, p.11) . “Da primeira vez que fiquei de barriga, o Pai me tirou da escola. Ele nunca quis

# TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens  
Universidade do Estado da Bahia – UNEB  
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 04 – junho de 2012  
ISSN: 2176-5782

saber se eu gostava de lá ou não”. (WALKER, 1986, p. 19). Comovida pela proibição do pai de que Celie continuasse frequentando a escola, a professora da menina tenta convencê-lo a deixá-la voltar às aulas, “[...] mas quando o pai me chamou e ela viu como o meu vestido tava apertado, ela parou de falar e foi embora”. (WALKER, 1986, p. 20).

Assim, o mundo social é apreendido em suas despóticas divisões, começando pela distinção socialmente construída entre os sexos, considerada como natural e evidente, adquirindo, dessa forma, reconhecimento e legitimação. Em decorrência de tão banalizada arbitrariedade, a visão androcêntrica impõe-se como verdade absoluta e não se necessita enunciar em discursos que a legitimem. A própria ordem social funciona, nas palavras de Bourdieu, como “uma imensa máquina simbólica que tende a ratificar a dominação masculina sobre a qual se alicerça”. (BOURDIEU, 2010, p.18).

Tudo isso torna as mulheres invisíveis. Sua invisibilidade e silêncio fazem parte da ordem estabelecida, e isso remonta a tempos imemoriais. Na primeira Epístola a Timóteo (2,12-14) o apóstolo Paulo assegura que a mulher deve conservar o silêncio, “porque primeiro foi formado Adão, depois Eva. E não foi Adão que foi seduzido, mas a mulher que, seduzida, caiu em transgressão”. Sendo assim, ela deveria pagar por sua falta num silêncio eterno. Tendo a psique vergastada por anos a fio de niilismo e subjugação, não é de surpreender que certas mulheres criem, parafraseando Michelle Perrot, “um pudor feminino que se estende à memória” (PERROT, 2008, p. 17). Segundo a autora, isso traduz-se numa desvalorização das mulheres por elas mesmas, um silêncio consubstancial à própria noção de honra, que se insinua em outra razão para seu silêncio e obscuridade: a dissimetria sexual das fontes, essencialmente masculinas, variável e desigual segundo as épocas (PERROT, 2008, p. 17).

Celie emblema tal desvalorização quando assume que seria melhor para si, se tivesse calado: “Eu falei porque sou idiota, eu disse. Eu falei porque tava com inveja de você. Eu falei porque você faz o que eu num dou conta de fazer”. (WALKER, 1986, p.52). Precious, por sua vez, reconhece suas limitações intelectuais ao afirmar que “as prova dá uma ideia de que eu não tenho cérebro. As prova dá uma ideia de que eu, minha mãe, minha família

# TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens  
Universidade do Estado da Bahia – UNEB  
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 04 – junho de 2012  
ISSN: 2176-5782

inteira, que a gente somos mais do que idiota, a gente somos invisível”. (SAPPHIRE, 2010, p.41).

Dessa forma, jovens como Celie Johnson e Precious Jones vislumbram a morte como única saída para o fim do seu sofrimento. “Às vezes eu queria num tá viva”, diz Precious. “Mas não sei como morrer. Não tenho tomada para desligar”. (SAPPHIRE, 2010, p. 43).

Culturalmente falando, assegura Terry Eagleton, a morte é interpretável: como “martírio”, “sacrifício ritual”, “alívio abençoado da agonia”, “união com o cosmos”, (EAGLETON, 2003, p. 28). Não importa o sentido que lhe dermos, a morte é o limite do discurso, e não seu produto. Tomada nesse sentido, a natureza parece ter sobre a cultura a vitória final. Morrer seria outra forma de silenciar, pois como se diz popularmente, “o que não tem remédio remediado está”.

#### 4 O *habitus* feminino: o corpo para o outro

Na constituição do *habitus* feminino, cujas condições sociais de realização expõem o corpo da mulher a uma objetivação operada pelo olhar e pelo discurso das outras pessoas (homens ou mulheres), não está em jogo apenas a relação que esta estabelece com o próprio corpo – comumente traduzida em autoestima – ou sua falta. Existem esquemas de percepção e de apreciação próprios da estrutura social, inerente ao processo e aos agentes da interação, que se constroem pela reação à beleza ou à fealdade que seu corpo suscita nos outros, que interferem diretamente na imagem que a mulher projeta de si. Assim,

O corpo percebido é duplamente determinado socialmente. Por um lado é, até naquilo que parece mais natural (seu volume, seu talhe, seu peso, sua musculatura, etc.), um produto social, que depende de suas condições sociais de produção, através de diversas mediações, tais como as condições de trabalho (que abrangem as deformações e as doenças profissionais por ele geradas) e os hábitos alimentares. (BOURDIEU, 2010, p. 80)

Dessa forma, o *hexis* corporal, isto é, o corpo físico e a maneira como nos servimos dele (a postura, a atitude) expressa o “ser profundo” (BOURDIEU, 2010, p. 80), a natureza da



# TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens  
Universidade do Estado da Bahia – UNEB  
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 04 – junho de 2012  
ISSN: 2176-5782

pessoa em sua verdade, como postula o conhecimento prático da correspondência entre o físico e o moral, numa taxonomia social que se reveste de um poder simbólico cuja eficiência depende da posição relativa entre o percebedor e o percebido. A dominação masculina, que enxerga as mulheres como objetos simbólicos, coloca-as em permanente estado de insegurança quanto à sua imagem, o que as leva a uma dependência em relação aos outros (não necessariamente dos homens). Ao ser oferecida pelo pai como esposa para o viúvo Albert, Celie é assim descrita:

Ela é feia, ele fala. Mas num estranha o trabalho duro. E é limpa. E Deus já deu um jeito nela. O senhor pode fazer tudo como o senhor quer e ela num vai botar no mundo mais ninguém pro senhor dar de cumer [*sic*] e vestir. (WALKER, 1986, p. 18).

Em outro momento da narrativa, ao ser apresentada a Shug Avery, amante do seu marido, Celie observa: “Ela olha pra mim da cabeça aos pé. Então ela dá uma risada. Parece um istertor. ‘Você é mesmo feia’, ela falou, como se num tivesse acreditando” (WALKER, 1986, p. 58). Precious, por sua vez, desespera-se com a percepção negativa das outras pessoas em relação à sua imagem, até bem mais do que Celie, uma vez que o espaço urbano que habita - a periferia de Nova Iorque – proporciona-lhe o encontro com pessoas esbeltas, bonitas e bem vestidas. Sua insegurança traduz-se numa espécie de grito de agonia e revolta:

Eu sô grande, falo, como, cozinho, rio, vejo TV; faço o que a minha mãe manda. Mas sei que quando a foto volta eu não existo. Ninguém me quer. Ninguém precisa de mim. Eu sei quem eu sô: uma vampira chupando o sangue do sistema. Uma banha preta e feia que precisa ser limpada, castigada, morta, mudada, posta para trabalhar. Quero falar que sô alguém. Quero falar isso no metrô, na TV; no cinema, ALTO (grifo do autor). Vejo as cara cor de rosa de terno olhando por cima da minha cabeça. Vejo eu desaparecer não existo. (SAPPHIRE, 2010, p.42).

A autoaversão que Precious sente (diferentemente do conformismo ou apatia de Celie, que, por viver no campo, não se depara com tantos paradigmas de beleza) é resultado da comparação que ela estabelece entre si e as pessoas em sua volta. Ela quer mostrar para o mundo que existe, quer ser uma “pessoa de verdade”, que tem sentimentos, que quer ser amada, respeitada, acolhida, mas em vão: o “sistema”, ao contrário do que ela afirma acima, é que parece sugar-lhe a vida:

# TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens  
Universidade do Estado da Bahia – UNEB  
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 04 – junho de 2012  
ISSN: 2176-5782

Eu vejo isso o tempo todo, as pessoa de verdade, as pessoa que aparece quando a foto volta; e é tudo gente bonita, garotas com peitinho pequeno do tamanho de um botão e pernas que nem canudinho de refrigerante. Será que tudo quanto é branco é que nem nas foto? [...] Por que eu não existo? Por que eu não consigo me ver, sentir onde é que eu acabo e começo? (SAPPHIRE, 2010, p.42).

Todo esse processo, isto é, esses esquemas de percepção e de apreciação próprios da estrutura social têm um efeito fulminante sobre a psique da personagem, impondo ao seu ego uma experiência brutal de alteridade que Albert Ciccone (1998) denomina de “transmissão traumática”. Segundo o autor, essa transmissão torna-se traumática quando o objeto transmitido impõe-se na sua alteridade; o objeto conserva, assim, um caráter de estranheza e permanece dificilmente apropriado pelo ego, pois o traumatismo deixa mal os processos transicionais. Assim, acrescenta Ciccone,

A transmissão traumática faz-se à revelia das paraexcitações, sem palavras ou com palavras brutas em torno dos acontecimentos traumáticos da história. Esta tem efeito de um quisto, de alienação e de domínio. A transmissão traumática esmaga os processos transicionais, impede seu desenvolvimento por causa dessa coação exercida sobre o indivíduo. A transmissão traumática coloca o indivíduo em sofrimento pela apropriação. É um ponto difícil retomar, por conta própria, o que lhe é transmitido e assim, tornar-se sujeito de sua história. (CICCONE, Albert, apud EIGUER, 1998, p. 181)

Essa transmissão é um processo universal formador de subjetividade. Segundo Ângela Piva (2006), ela nunca é passiva: existe sempre um processo ativo. Deixa sua marca no sujeito através de complicadas operações de reinscrição e transformação, que serão sempre únicas, singulares, em que o herdado adquire, então, o status de um destino a cumprir. Sabemos que o abuso e o incesto vêm acompanhados de uma modalidade de funcionamento ligado ao segredo, no qual a proibição desloca-se da interdição incestuosa à interdição do falar e do pensar. Piva observa que a ideia que mais se aproxima do termo “violência” no vocabulário analítico usual é a do trauma. Assim, violência e trauma constituiriam os dois lados de uma mesma moeda: do lado da violência aparece o poder, o abuso, a dominação a crueldade e a falta de ética; do lado do trauma situam-se a vítima, a submissão, o masoquismo, a incapacidade do ego de defender-se, o desamparo psíquico e a dor, que tende a transparecer através da inércia e a se repetir a partir da “revitimização” (PIVA, 2006 p.1).

# TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens  
Universidade do Estado da Bahia – UNEB  
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 04 – junho de 2012  
ISSN: 2176-5782

Nesse contexto familiar predominam a violência, a negligência e a repetição. Sendo todos nós humanos portadores de uma herança genealógica, tem-se que em todas as etapas da vida impõe-se o gerenciamento dessa questão, cujo espaço, por excelência, é o grupo familiar, onde se articulam diversos mecanismos de identificação, lugar de circulação da transmissão psíquica. Senão vejamos: “Ah, bem, a professora também é crioula. Não importa se ela é professora, os crioulo nunca começam na hora” (SAPPHIRE, 2010, p. 49); “olho para a pequena Precious e a grande mamãe e tenho vontade de bater, sinto vontade de matar mamãe”. (SAPPHIRE, 2010, p. 72). Da mesma forma Celie, tendo já introjetado o uso da violência contra as mulheres como algo natural, aconselha o enteado Harpo a que bata na esposa: “Bate nela”. (WALKER, 1986, p.48). Como, pertinentemente, enfatiza Peixoto Junior, ao referir-se à fantasia da criança espancada,

A perversão, em vez de encontrar-se isolada na vida da criança, passa a estar inserida nos mais típicos processos de desenvolvimento familiar normal. Referida a um amor objetal incestuoso que, surgindo sob o primado do complexo de Édipo, permanece em seguida como uma sequela dele, herdeira de sua carga libidinal e ligada à consciência de culpa. (PEIXOTO Jr., 1999, p. 92)

E assim a dominação da mulher por parte do homem constitui o gênero feminino como objeto simbólico, que tem por consequência colocar as mulheres em permanente estado de insegurança corporal, isto é, de dependência simbólica: elas existem primeiro “pelo” e “para” o olhar dos outros como se fossem objetos receptíveis e disponíveis (BOURDIEU, 2010).

Por outro lado, como assegura Ciccone (1998), sua identificação projetiva advém do conjunto de processos que permitem ao homem explorar o objeto (a mulher) ou dele tomar alguma coisa (dignidade, autoestima etc.), proporcionando, dessa forma, a criação de uma identidade do dominado pautada, estritamente, nos valores do dominador.

## 5 Cartografias da sexualidade negra feminina

Segundo Foucault, o termo “sexualidade” surgiu tardiamente no início do século XIX. Decorreu do fato de nomear a inclinação sexual, que fora do propósito da procriação a Bíblia

# TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens  
Universidade do Estado da Bahia – UNEB  
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 04 – junho de 2012  
ISSN: 2176-5782

caracteriza como um pecado, um mal que põe a moralidade do ser humano à prova: “[...] O valor do próprio ato sexual: o cristianismo o teria associado ao mal, ao pecado, à queda, à morte”. (FOUCAULT, 2010, p.17). Assim, “moral” e “sexualidade” são termos que possibilitam manifestações ideológicas, as quais tornam justificáveis a afinidade que ambos apresentam. Segundo Habermas,

[... ] Nas sociedades ocidentais profanas, as instituições morais cotidianas ainda estão marcadas pela substância normativa das tradições religiosas por assim dizer decapitadas, declaradas juridicamente como questão privada - sobretudo pelos conteúdos da moral da justiça judaica, do Antigo Testamento, e da ética do amor Cristão, do Novo Testamento. (HABERMAS, 2002, p. 16).

Para o cristianismo a moralidade deve fazer com que a tarja de pecaminosa atribuída à sexualidade o transgrida e se iguale ao valor inerente da moral social. Um aspecto social que oscila sempre para o lado obscuro nos dias atuais, uma realidade frequente, de proporção preocupante, aos nossos olhos, vez que somos produtos de uma sociedade incestuosa, sem escrúpulos, que se caracteriza por relacionamentos inconsistentes e seres humanos sem confiança em relação ao caráter das pessoas.

Quando se fala da sexualidade feminina, envolta em tabus, a situação se complica. Os temas do abuso sexual, do incesto e da exploração sexual infantil apresentam-se de forma clara nas duas obras, fato que se torna o fio condutor que une os dois romances, como se fossem uma unidade repleta de tragicidade e superação psicológica.

O abuso sexual infantil é algo triste e que muito nos indigna. Entretanto, com o avanço da tecnologia, o silêncio, que antes era um tabu, foi quebrado e a acessibilidade às informações possibilita que muitas vítimas percam o medo e denunciem os seus algozes. Assim, tanto o ato em si quanto suas consequências físicas (gravidez e DST) e psicológicas (mentes perturbadas e distorcidas), causam danos irreversíveis aos violentados. Os relatos de crianças vítimas de abusos aumentam e deixam-nos envergonhados por presenciarmos uma comunidade “pornográfica”. O termo é utilizável devido ao crescimento do mercado publicitário sexual e da internet, que tem influenciado a prática abusiva do ato sexual e ido de

# TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens  
Universidade do Estado da Bahia – UNEB  
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 04 – junho de 2012  
ISSN: 2176-5782

encontro ao “[...] alto valor moral e espiritual que o cristianismo, diferentemente da moral pagã, teria atribuído à abstinência rigorosa, à castidade permanente e à virgindade” (FOUCAULT, 2010, p. 18).

## 6 Corpos subjugados e identidades sexuais

Voltemos uma vez mais à célebre frase cunhada por Simone de Beauvoir em *O segundo sexo*: Não nascemos mulher. “Tornamo-nos mulher” (BEAUVOIR, 1980, p. 75). A redundância explica-se pelo fato de que esta sentença desconstrói a visão naturalista tradicional acerca do sexo, um conceito biológico, desembocando no conceito de gênero, voltado para um recorte sociocultural. Olhando por esse viés, podemos dizer que a sexualidade feminina, tal qual representada nos dois romances aqui analisados, oscila entre dois opostos: a avidez, no caso de Precious, e a frigidez, no de Celie, se bem que com certa relatividade e, às vezes, alternando-se entre uma e outra. Nota-se que na primeira o ato sexual *per se*, independentemente de ser fruto de abuso e incesto, proporciona prazer carnal, fato que ela admite a contragosto:

Começo a me sentir bem; paro de ser uma dançarina de videoclipe e começo a gozar. Tento voltar pro vídeo, mas agora tô gozando, balançando embaixo do Carl, minha xota pulando toda molhada, a sensação é boa. (SAPPHIRE, 2010, p.35).

Para a segunda, o relacionamento sexual entre um homem e uma mulher não passa de mera obrigação a cumprir: “Eu fiquei lá pensando na Nettie quando ele tava em cima de mim [...]”. (WALKER, 1986, p. 22). “Eu num sei nada sobre isso. Sinhô trepa em cima de mim, faz o serviço dele, dez minuto depois a gente ta dormindo”. (WALKER, 1986, p.79).

Pelas diferentes reações das duas personagens à sua participação no ato sexual, podemos inferir que os dois comportamentos extremos (avidez e frigidez) são frutos de uma psique devastada pela distorção moral acarretada pelo estupro na infância e na tenra adolescência, o que lhes proporciona a inserção num tipo de “sexualidade periférica”. (PEIXOTO Jr., 1998, p.33).

# TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens  
Universidade do Estado da Bahia – UNEB  
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 04 – junho de 2012  
ISSN: 2176-5782

Assim, o termo viria a significar a modificação pejorativa de uma função fisiológica que causa certas alterações de comportamento que encontram respaldo na ideia de uma degeneração mental calcada em certos traços de insanidade, a qual os estudiosos chamam de “perversão”. Indicando condutas que se passam nas realidades dos atos sexuais de alguém, a palavra remonta, segundo Foucault (2010, p.29), a técnicas de poder exercidas sobre o sexo, que incitam a implantação de “sexualidades polimorfos”.

Assim, enquanto Precious admite o estranho prazer no ato sexual com o próprio pai e nojo pelas investidas sexuais da mãe – “[...] sinto a sensação quente tcha, tcha, quando ele tá me comendo. Fico confusa demais. ODEIO ele. Mas minha b... fica pulando” (grifo da autora). (SAPPHIRE, 2010, p.70) ou “ Tô sufocando entre as perna dela ...a mão dela[da mãe] é que nem uma montanha empurrando minha cabeça. Fecho os olho com força mas o sufoco não para, fica pior [...]” (SAPPHIRE, 2010, p. 72) –, Celie, ao contrário, irá revelar-se frígida no sexo imposto pela obrigação conjugal mas ávida pela realização da fantasia homoerótica que nutre em relação a Shug Avery:

A primeira vez que eu vi inteiro o longo corpo negro da Doci Avery com os bico do peito que nem ameixa preta, parecendo a boca dela, eu pensei que eu tinha virado homem ...[...] Eu lavei o corpo dela, parece que eu tava rezando. Minhas mão tremiam e minha respiração ficou presa [...]. (WALKER, 1986, p. 61).

Lilian Faderman (1981) , assim como Beauvoir, considera a identidade lésbica em termos de uma construção social, o que parece ter acontecido, aqui, com a personagem de Walker, como veremos mais adiante. Em sua vasta pesquisa sobre a representação do amor entre mulheres, na escrita feminina entre os séculos XVI e XIX, a autora observa que esses relacionamentos amorosos eram raramente definidos, explicitamente, em termos sexuais, uma vez que as mulheres eram então tidas como naturalmente assexuadas. Para Faderman, quando as mulheres começaram a demandar seus direitos políticos e sociais, no final do século XX, a tolerância a esse tipo de amizade entre elas começou a extinguir-se e o lesbianismo tornou-se campo de investigações médicas e científicas.

# TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens  
Universidade do Estado da Bahia – UNEB  
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 04 – junho de 2012  
ISSN: 2176-5782

Esta abordagem histórica do fenômeno, implicitamente, sugere que devemos considerar a identidade lésbica, portanto, um construto de discursos específicos que abalam os alicerces do patriarcado, e não um fator inato da natureza de certas mulheres. Na verdade, se observarmos o comportamento social e sexual de Celie até à chegada de Shug Avery, vamos encontrar uma mulher apática, totalmente rendida aos caprichos e desmandos do seu “Sinhô”:

Ele bate em mim como bate nas criança. Só que nas criança elenunca bate muito forte. Ele fala, Celie, pega o cinto. As criança ficam lá fora olhando pelas fresta. Tudo o que eu posso fazer é num gritar. Eu fico que nem tábuia, Eu falo pra mim mesma, Celie, você é uma árvore. É por isso queu sei que as árvore têm medo dos homem. (WALKER, 1986, p.33).

Depois que elas vão tornando-se gradativamente mais e mais íntimas e cúmplices, Celie vai se descobrindo uma fêmea sexuada e desejanse dos prazeres do corpo. Das mulheres ela “não tem medo”, como a própria narradora afirma nas páginas inaugurais do romance, e essa aproximação, a partilha dos segredos, o afeto maternal, toda essa intimidade parece levá-la, mesmo que subliminarmente, ao desejo de relacionar-se sexualmente com a parceira, o que na opinião de Adrienne Rich (1980) provém da experiência compartilhada da opressão, que aproxima essas mulheres.

Em contrapartida, Pam Norris (1993), posicionando-se contra tal assertiva, assegura que a sexualidade proveniente dessas qualidades inerentes a todas as mulheres expressam certo essencialismo, uma vez que, sob tal perspectiva, qualquer mulher, mesmo que heterossexual, poderia ser vista como potencialmente lésbica.

Pessoalmente, acreditamos que, embora Rich não deixe de ter razão em certo sentido, isto é, no sentido de que essa teoria pode ser aplicável à visível influência de Shug Avery sobre a mudança de comportamento de Celie, não se pode negar, pelo que já foi exposto até agora, que Precious tem lá suas reservas quanto ao amor homoerótico: “Estamos lendo *A Cor Púrpura* na escola [...] parece muito comigo só que eu não sô sapatão que nem Celie”. (SAPPHIRE, 2010, p.95). Por outro lado, mesmo demonstrando antipatia pela preferência sexual de Celie, esses sentimentos não parecem estar totalmente cristalizados na cabeça de Precious: “Nunca vou ser sapata que nem Celie, mas isso não me deixa feliz, me deixa triste.

# TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens  
Universidade do Estado da Bahia – UNEB  
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 04 – junho de 2012  
ISSN: 2176-5782

“Talvez eu nunca encontro nenhum amor, ninguém”. (SAPPHIRE, 2010, p. 110). Ainda assim, mesmo com a triste constatação da personagem sobre o seu provável destino amoroso, esta não deixa de avaliar, pelo menos subliminarmente, a possibilidade de um envolvimento homossexual : “Cadê minha *Cor Púrpura*? Cadê meu Deus mais elevado? Cadê meu rei? Cadê meu amor negro? Cadê meu homem? Amor mulher? Qualquer tipo de amor?” (SAPPHIRE, 2010, p.101).

Como podemos observar, o essencialismo embutido na teoria de Rich poderia ser perfeitamente corroborado pelo discurso de Precious, que, mesmo declarando-se heterossexual, pensa se qualquer forma de amor vale a pena. Em nossa opinião a questão complica-se sobremaneira quando percebemos que, se efetivamente o homoerotismo é um construto social, como poderiam duas mulheres negras, igualmente violentadas e engravidadas, em tenra idade, justamente por aqueles que deveriam lhes fornecer segurança, os próprios pais, reagir a esse tipo de violência de maneira tão diversa? Enquanto Celie fantasia a satisfação sexual com outra mulher, Precious repugna a ideia de relacionar-se com alguém do mesmo sexo. Assim, o referencial relativo à história cultural dessas personagens nos deixa entrever no corpo feminino uma “via de perceber-se e perceber os fenômenos que se configuram no mundo, corpo com expressão das variadas formas de linguagens que confrontam sentimentos e significados que se interpenetram”, como assegura Santos (2008, p.54), ou seja, sua história cultural nos leva a tentar compreender os ardis da sexualidade , escamoteada em comportamentos os quais, embora pareçam destoantes, *a priori*, nos levam a entender que, queiramos ou não, nossa libertação enquanto seres potencialmente inferiores encontrará suporte tão somente no exíguo espaço do nosso próprio corpo.

## 7 Conclusão

A “sexuação”, como diria Ferreira Netto (2010), é a maneira como homens e mulheres se referem ao próprio sexo bem como a questões como a diferença entre os sexos e a



# TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens  
Universidade do Estado da Bahia – UNEB  
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 04 – junho de 2012  
ISSN: 2176-5782

conturbada sexualidade feminina. Dizemos conturbada, porque a essa conceituação atrelam-se numerosas dúvidas, como partículas de aço a um imã. Uma delas, entretanto, nos parece de grande importância para o deslindamento da psique feminina: Qual a relação entre a sexualidade da mulher, tomada no seu conceito cultural ou de gênero e a sua realização pessoal?

A análise que aqui fizemos dos dois romances remonta ao eixo sexualidade /sacrifício/ superação e seus correlatos (rendição/ rejeição / redenção), como forma de tentarmos explicar em que determinado ponto ou momento da narrativa as histórias das duas protagonistas eleitas convergem ou afastam a ideia do sacrifício superado pela sexualidade. Abordamos aqui o gozo carnal, tanto sob o prisma da homossexualidade quanto da heterossexualidade feminina e a maneira como o comportamento das personagens leva-nos a tentar descobrir na relação sexual a transgressão das normas sociais, na esteira das perversões. Precious Jones, por exemplo, parece sentir um prazer masoquista nas mordidas e tapas deferidas pelo pai durante o ato sexual. É como se o sofrimento físico fosse associado a um tipo de gozo, igual ao que sente o homem-bomba ao explodir as próprias vísceras ou ao que sentiam os santos e mártires do Cristianismo, os quais, igualmente, “buscavam a dor física como algo inebriante” (NETTO,2010, p.50).

Celie Johnson consegue sublimar o sofrimento físico e moral, a que foi submetida durante boa parte da sua existência, através do adultério com Shug Avery, que tem o agravante, segundo o senso comum, de ser uma relação homossexual, portanto marginal e passível de discriminação. O fato é que, de um modo ou de outro, o peso das relações sexuais em ambos os romances, quer com homens ou mulheres, aproxima as duas protagonistas de modo a justificar a sublimação do abuso e da violência pelo viés da sexuação.

Sabendo-se capaz de amar e ser amada, de sentir e de dar prazer, Celie supera a timidez, o silêncio e a apatia, transformando a sua agonia anterior em espírito empreendedor e no sucesso financeiro que vem com a maturidade. Precious, por seu turno, supera a aversão pelo convívio social, passa a crer no amor desinteressado dos amigos, de outras pessoas que a

# TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens  
Universidade do Estado da Bahia – UNEB  
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 04 – junho de 2012  
ISSN: 2176-5782

rodeiam e da professora Rain. Verdadeiro raio de luz a iluminar a conturbada vida da personagem, Blue Rain torna-se a força propulsora da elevação da sua autoestima e da sua capacidade de rebelar-se contra a tirania materna, de centrar-se como mãe e mulher que procura dias melhores e mais dignos para si e para os filhos.

O aferro que sentia contra a homoafetividade parece esvanecer-se diante de uma verdade que não tem como refutar: escolha sexual e caráter são atributos humanos inteiramente desvinculados entre si. Ironicamente, é homossexual a mulher que, decididamente, consegue mudar a sua vida para melhor.

## Referências

- BEAUVOIR, Simone de. *O Segundo Sexo*, vs. I, II. Trad. Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.
- BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Trad. Maria Helena Kühner. 8.ed. Rio de Janeiro: Ed. Bertrand Brasil Ltda., 2010.
- CAMERON, Deborah. “Desempenhando identidade de gênero: conversa entre rapazes e construção da masculinidade heterossexual” (Cap. 8, p.129) In: OSTERMANN, Ana Cristina; FONTANA, Beatriz. (orgs.). *Linguagem, gênero, sexualidade*. (São Paulo: Parábola, 2010).
- CICCONE, Albert. A superposição imagógica e a fantasia da transmissão. In: EIGUER, Alberto et al. *A transmissão do psiquismo entre gerações: enfoque em terapia familiar psicanalítica*. Trad. Lúcia helena Siqueira Barbosa. São Paulo: Editora Unimarco, 1998.
- EAGLETON, Terry. *A idéia de cultura*. Trad. Sandra Castello Branco. São Paulo: UNESP, 2003.
- FADERMAN, Lilian. *Surpassing the love of men*. Oxford, (New York: William Morrow, 1981);
- FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J.A. Guilhon Albuquerque. 20ª ed. São Paulo: Graal, 2010.

# TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens  
Universidade do Estado da Bahia – UNEB  
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 04 – junho de 2012  
ISSN: 2176-5782

HABERMAS, Jürgen. *A inclusão do outro – estudos de teoria política*. São Paulo: Loyola, 2002.

NETTO, Geraldino Alves Ferreira. *Doze lições sobre Freud & Lacan*. São Paulo: Ed. Pontes, 2010.

NORRIS, Pam. *Literature and feminism*. Oxford: Blackwell, 1993.

OSTERMANN, Ana Cristina; FONTANA, Beatriz. (Orgs.). *Linguagem, gênero, sexualidade*. São Paulo: Parábola, 2010.

PEIXOTO Jr., Carlos Augusto. *Metamorfose entre o sexual e o social: uma leitura da teoria psicanalítica sobre a perversão*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

PERROT, Michele. *Minha história das mulheres*. Trad. Ângela M.S. Corrêa. São Paulo: Ed. Contexto, 2008.

PIVA, Ângela. A transmissão da violência In: *Contemporânea - Psicanálise e transdisciplinaridade*, Porto Alegre, n.07, Jan/Fev/Mar, 2006.  
Disponível em: [www.contemporaneo.org.br/contemporanea](http://www.contemporaneo.org.br/contemporanea). Acesso em: 04/04/2012

RICH, Adrienne. “Compulsory heterosexuality and lesbian existence”. *Signs: Journal of Women in Culture and Society*. The [University of Chicago Press](http://www.press.uchicago.edu), v.5 n.4, pp.631-60, Summer, 1980.

SANTOS, Lígia Pereira dos. *Mulher e violência: histórias do corpo negado*. Campina Grande: EDUEP, 2008.

SAPPHIRE. *Preciosa*. Trad. Alves Calado. Rio de Janeiro: Record, 2010.

WALKER, Alice. *A cor púrpura*. Trad. Peg Bodelson, Betúlia Machado e Maria José Silveira. São Paulo: Ed. marco Zero, 1986.